

JNT-BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL

ISSN: 2526-4281 QUALIS B1



A VIOLÊNCIA NA ESCOLA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR

SCHOOL VIOLENCE AND ITS INFLUENCE ON THE TEACHING AND LEARNING PROCESS FROM THE TEACHER'S PERSPECTIVE

Thiago Fernandes dos REIS
Universidade Federal do Tocantins UFT
E-mail: tgfernandesdosreis@gmail.com

Tania Regina Martins MACHADO
Universidade Federal do Tocantins UFT
E-mail: tania-mm@hotmail.com

Claudia Dias de LIMA
Universidade Federal do Tocantins UFT
E-mail: claudi-nha29@hotmail.com



RESUMO

No Brasil a violência vem tomando maiores proporções, se tornando um dilema no processo de ensino e aprendizagem. Tratando-se dessa problemática no âmbito local, foi verificada essa questão em uma escola da cidade de Araguaína, que tem se tornado foco também da violência e da criminalidade. A partir desta pesquisa, que foi realizada em cunho extensivo e interpretativo, analisamos essa problemática observando as suas consequências e influências no processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica. Para essa pesquisa contamos com a participação de seis professores de diferentes disciplinas do ensino fundamental e médio da rede pública da cidade de Araguaína. Nesse sentido, empregamos o modelo multidimensional de análise da linguagem, elaborado por Chouliaraki e Fairclough (2003), para a análise crítica e reflexiva das respostas desses docentes. A partir da análise crítica do discurso verificado de suas falas, observou-se que não só professores e alunos sofrem as consequências trazidas por esse problema, mas também os sujeitos indiretamente envolvidos, como pais e funcionários. Conclui-se que esse tipo de violência pode influenciar de forma negativa o processo de ensino e aprendizagem, mas que há meios de esse problema social ser erradicado ou reduzido. Nesse sentido, fazer da escola um ambiente saudável e seguro são algo essencial para que haja excelência nesse processo.

Palavras-chave: violência escolar, professor, ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

In Brazil, violence has taken on greater proportions, becoming a dilemma in the teaching and learning process. When dealing with this problem at the local level, this issue was verified in a school in the city of Araguaína, which has also become the focus of violence and criminality. Based on this research, which was carried out on an extensive and interpretative basis, we analyzed this problem by observing its consequences and influences on the teaching and learning process in Basic Education. For this research we counted with the participation of six teachers from different disciplines of elementary and high school in the public network of the city of Araguaína. In this sense, we employ the multidimensional model of language analysis, developed by Chouliaraki and Fairclough (2003), for the critical and reflective analysis of the responses of these teachers. From the critical analysis of the discourse verified in their speeches, it was observed that not only teachers and students suffer the consequences brought by this problem, but also the subjects indirectly involved, such as parents and employees. It is concluded that this type of violence can negatively influence the teaching and learning process, but that there are

ways that this social problem can be eradicated or reduced. In this sense, making the school a healthy and safe environment is essential for excellence in this process.

Keyword: school violence, teacher, teaching and learning.

INTRODUÇÃO

A violência nas escolas se constitui, além de objeto de reflexão por estudiosos em todo o ocidente moderno, um problema social de extrema importância. As dimensões desse problema vêm tomando proporções diferentes com o passar dos anos. Antes a violência na escola era encarada apenas como uma questão de disciplina, tendo a indisciplina dos alunos como foco. Atualmente, alunos e profissionais da educação têm se deparado com problemas mais intensos como agressões físicas e verbais tanto contra discentes como contra docentes, tais como o surgimento de armas nas escolas, inclusive armas de fogo, a prática do uso de drogas, além do fenômeno das gangues.

Para Guimarães (1996, p. 73) “seria caracterizada por qualquer ato violento que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral”. Portanto, toda prática de agressão seja ela física ou verbal é considerada uma prática violenta. Em se tratando de violência escolar, de acordo com Stelko-Pereira e Williams:

Conhecer as múltiplas perspectivas de um fenômeno tão complexo como a violência escolar é importante, ainda que o estabelecimento de um consenso entre todas as áreas de conhecimento que a investigue, como a Psicologia, Sociologia, Antropologia, Pedagogia, História, entre outras, seja difícil de ser alcançado (STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2010, p. 46).

A violência escolar pode se dar através de duas maneiras, na primeira, ela nasce dentro da escola, e pode ocorrer entre alunos ou alunos e profissionais da educação. Isso, no que diz respeito à indisciplina, ameaças contra professores, bullying e agressões em geral. Na segunda maneira, a violência urbana invade a escola, a instituição de ensino e aprendizagem se torna vulnerável até mesmo à violência que se dá fora dela, como é o caso da escola investigada por nós (PEÇANHA, 2013).

Tendo em vista o aumento de casos de violência nas escolas, essa pesquisa, tem como objetivo Geral investigar como a violência influencia no processo de ensino e aprendizagem, tomando, para tanto, como foco principal a perspectiva do professor. Essa investigação se dá a partir da análise das falas de docentes coletadas através de questionários que lhes foram feitos. Ao empreender esta reflexão, busca-se, ainda, encontrar possíveis soluções para a problemática abordada.

A pesquisa aqui apresentada se constitui através de duas abordagens. A primeira, extensiva, cujo método será o do questionário composto por três perguntas feitas aos professores da instituição de ensino escolhida. O ponto de vista do professor sobre a problemática levantada.

A partir do modelo elaborado por Chouliaraki e Fairclough (2003), iremos investigar o tema aqui apresentado. Esse trabalho é de relevante importância para o ensino, pois, ao discutir e problematizar a violência na escola de acordo com a fala de quem vive e está presente no processo, nós chegamos mais perto de conhecer a realidade abordada, podendo assim desenvolver um estudo mais profundo e obter resultados mais relevantes.

TRILHA METODOLOGICA

A escola, que é objeto de pesquisa neste trabalho, está situada em uma região periférica da Cidade de Araguaína e atende as comunidades provenientes de vários bairros circunvizinhos, que se constituem como setores carentes. Esses bairros além de serem periféricos, se caracterizam como setores popularmente considerados violentos e até mesmo carentes.

Os sujeitos da investigação realizada nesse trabalho são os professores da rede pública de ensino que atuam na escola citada acima, os quais por vezes foram testemunhas desses fatos, por outras, vítimas. Eles não serão identificados nominalmente, mas como Professor 1, Professor 2, etc. Esse grupo é composto de 6 professores, nele há aqueles que trabalham pela manhã e noite, e também manhã e tarde, sendo que todos trabalham em mais de um período, ministrando aulas tanto na educação fundamental quanto na média.

Neste trabalho, será analisada a fala desses professores, tomada como um discurso sobre a violência escolar, proferido, neste caso, por um sujeito que está inserido nessa realidade. Consideramos que “O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91 *apud* MACHADO, 2016, p. 81).

A investigação desse trabalho se deu por meio de questionários que foram feitos aos professores, conforme apresentado no item anterior.

Apresentamos a seguir as perguntas que constavam no formulário:

1. Você já viveu ou presenciou alguma experiência no que diz respeito à violência na escola?
2. Em sua opinião, de que forma esse problema influencia no processo de ensino e aprendizagem?

3. No ponto de vista do professor, que soluções são viáveis para essa problemática?

O método de análise ao qual serão expostas as falas dos seis professores consultados integra a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD) e diz respeito ao modelo multidimensional de análise da linguagem. Esse modelo, elaborado por Lilie Chouliaraki e Norman Fairclough, é constituído, basicamente, de cinco fases:

- 1 – Percepção de um problema relacionado ao discurso situado na vida social;
- 2 – Verificação dos obstáculos para a superação do problema (levantamento das características permanentes nas redes de práticas que o sustentam). Esta fase é composta por: análise da conjuntura, análise da prática particular e análise de discurso (com dupla orientação, para a estrutura e para a interação);
- 3 – Verificação das funções do problema na prática (discursiva e social);
- 4 – Especulação de possíveis mudanças e superação dos obstáculos (focando suas incompletudes e contradições conjunturais);
- 5 – Reflexão sobre a análise (consciente da posição teórica na análise). (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 2003, p. 60 *apud* MACHADO, 2016, p. 88).

Aproximando esse modelo de análise da nossa questão de pesquisa, é possível estabelecer as seguintes relações:

Na primeira dessas cinco fases, um grave problema social foi percebido. No discurso de alguns docentes que relataram ter vivido experiências extremas relacionadas a esse assunto, foi verificado que esse problema social afetava bem mais do que imaginávamos.

Posta a violência escolar como o problema social verificado, passamos para a segunda fase tal qual consta no método, ou seja, traçar uma análise da conjuntura da prática social em que o problema é observado, como também dessa prática e dos discursos que a envolvem, para, então, identificar os obstáculos à superação do problema da violência escolar.

Como realização da terceira fase, consideraremos tanto as práticas de ensino e de aprendizagem, como as práticas discursivas através das quais se realizam tais práticas sociais, a saber, as interações em sala de aula. Tais interações sofrem interferência das violências físicas e/ou simbólicas, seja entre os alunos ou destes para com seus professores. Nosso intuito é verificar as funções deste problema nesse contexto, analisando, através do discurso dos professores, como a violência afeta o processo de ensino e aprendizagem.

Seguindo a quarta fase desse modelo, observaremos a violência e suas consequências na perspectiva dos professores. Nesse sentido, consideramos que as formas de superação dessa problemática, apontadas por eles, podem indicar caminhos para sua

resolução, mas mais que isso, oportunizam a discussão e a reflexão sobre a violência que está cada vez mais presente na realidade escolar.

Por fim, o último dos passos a ser atendido é uma reflexão sobre a presente pesquisa. Tal reflexão será explicitada nas Considerações Finais. Com ela, buscaremos observar se cada objetivo deste trabalho foi alcançado e qual importância este trabalho terá para o contexto educação.

“Nessa perspectiva, é especialmente relevante o caráter constitutivo do discurso, pois nele, além de aspectos linguísticos, estão envolvidas questões históricas, sociais, ideológicas e culturais” (MACHADO, 2016, p. 41).

RESULTADOS E ANÁLISES DO DISCURSO (AD)

Nesta seção, começaremos o processo de análise a partir das falas dos docentes questionados, tendo como base a primeira pergunta do questionário (Você já viveu ou presenciou alguma experiência no que diz respeito à violência na escola?) em que cada professor falou sobre suas experiências no que diz respeito à violência escolar. Apresentamos a seguir a resposta do primeiro professor para essa questão:

Todos nós sabemos que isso faz parte do nosso cotidiano, pois existem brigas e falta de respeito, com colegas e professores, nós presenciamos e vemos que as escolas estão passando por um momento muito difícil de trabalhar, pois, não está havendo respeito com os profissionais da educação (PROFESSOR 1).

O professor 1 já inicia sua fala deixando claro que a violência escolar é um assunto que se constitui tão comum e corriqueiro, que todos temos conhecimento sobre ele, e que é algo usual, já faz parte do cotidiano escolar. Em seguida ele menciona que tipo de violência é mais comum, nesse caso, brigas (violência física) e a falta de respeito (violência simbólica).

É provável que ao falar “não está havendo respeito com os profissionais da educação” o professor esteja se referindo não só aos alunos que praticam a violência, mas muito possivelmente ao próprio governo que não dá condições para que esses profissionais se sintam seguros em seu ambiente de trabalho. Para Stelko-Pereira e Williams (20120, p. 46) “Além de fatores culturais, históricos e geográficos, conforme aponta Abromovay e Avancini (2000), a definição de violência pode se diferenciar de acordo com a idade, o sexo e o status social de quem se está definindo, por exemplo, o professor, diretor ou aluno”. Segue mais ou menos essa linha a declaração de outro professor:

Sim, a escola está suscetível à violência interna (visto que atendemos uma clientela periférica com histórico de violência e crimes inclusive) e também a violência externa (já fomos vítimas de assaltos várias vezes e

em um deles um aluno foi baleado perdendo conseqüentemente o movimento das pernas) (PROFESSOR 2).

O segundo docente questionado concorda com o primeiro ao declarar que a escola está vulnerável à violência. Além disso, este traz uma informação relevante quando fala a respeito do público atendido pela comunidade escolar. O professor(a) caracteriza essa clientela como periférica e com histórico de violência e crimes. O docente nos faz entender que um dos motivos de a violência ser constante na escola é a sua formação cultural e social, ou seja, trazem para dentro da escola experiências vividas na comunidade em que estão inseridos. O docente conclui a primeira parte da sua fala trazendo à tona uma experiência traumática vivida pela escola no que diz respeito à violência externa. Contribui para essa reflexão, dizendo: “Em nossa escola não há “ainda” relatos de agressão física por parte dos alunos contra servidores, mas verbalmente somos agredidos com palavrões e maus tratos” (PROFESSOR 2).

Em sua segunda fala, o docente diz que ainda não há relatos de agressões físicas por partes dos alunos contra os servidores, ao fazer a declaração, ele coloca entre aspas a palavra *ainda*, destacando-a. Dessa forma, ele nos dá a ideia de que não existem esses casos, mas que não duvida de que eles venham a acontecer ou mesmo, que se trata de um perigo iminente. Conclui afirmando que esses servidores apesar de não terem sido agredidos fisicamente, são violentados simbolicamente através de palavrões, além de serem maltratados pelos alunos. O professor 3 afirma não ter presenciado, porém reforça o senso comum sobre o assunto: “Não. Mas na última década a violência nas escolas tem preocupado muito a sociedade, como brigas, agressões físicas sempre existiram” (PROFESSOR 3).

Assim, o terceiro docente que colaborou com nossa investigação declara não ter vivenciado nenhum tipo de violência na escola, porém se mostra consciente de que a violência tem aumentado na última década, concordando com os dois primeiros. Ele conclui a sua sucinta fala expondo alguns tipos de violência que são comuns na escola: brigas e agressões físicas. Já o professor 4 afirma:

Sim, desentendimento, ameaças (entre ambos). Uma vez certo aluno falou que eu não ministraria aula naquele dia, era uma escola periférica com altos índices de violência, naquele mesmo ano um aluno bateu no rosto de uma professora... Foi uma grande confusão e o aluno sofreu menos penalidades do que a professora. No meu caso, o aluno era maior de idade e suas ameaças iam além dos muros da escola, então respondi que do lado de fora da escola eu sabia lutar com as mesmas armas que ele. O problema durou muitos dias e foi resolvido (PROFESSOR 4).

O professor 4 declara em sua fala já ter vivido e presenciado atos de violência escolar, mais especificamente, ameaças sofridas tanto por alunos como por professores.

Relata ainda, uma experiência vivenciada por ele mesmo, em que um aluno o faz ameaças e afirma que não permitiria que ministrasse a sua aula. Ele caracteriza a escola onde sofreu a ameaça como periférica, trazendo a mesma ideia que o professor 2, de que a comunidade em que a escola está inserida influencia bastante para que haja ou não violência na escola.

O quinto professor entrevistado contribui com a discussão reafirmando a colocação dos colegas: “Sim, várias vezes. É comum no ambiente escolar, casos de violência, tanto física quanto verbal” (PROFESSOR 5).

O quinto professor que respondeu ao questionário declara de forma sucinta e sem dar exemplos, já ter vivido ou presenciado experiências violentas na escola. Este segue a mesma linha de pensamento dos demais docentes e merece destaque sua afirmação de que são comuns casos de violência nas escolas, tanto a violência física, como a violência verbal. O último professor questionado falou bastante sobre o assunto:

Sim. A violência era conhecida nas ruas e fora dos muros das escolas, a pouco tempo sabemos que esse quadro mudou, a violência nas escolas recebeu nomes: bullying, violência verbal, física, dentre outras. Atualmente sabemos e presenciemos diversas violências consideradas urbanas adentrando os espaços escolares: estupros, assaltos e etc. atitudes essas praticadas em maioria por jovens e amedronta funcionários e alunos. Eu sofri dentro do ambiente escolar um assalto, algo que jamais imaginei sofrer num local destinado ao ensino e aprendizagem. Não tendo apenas o terror sofrido, naquele trágico dia um aluno foi baleado e obteve sequelas permanentes. Um rapaz jovem em busca de sua aprendizagem marcado pela violência. A educação tem de ser preparar para uma nova questão inerente à aprendizagem, a violência típica urbana nos espaços escolares (PROFESSOR 6).

O Sexto docente que respondeu a nossa pesquisa inicia sua fala explicando que no passado a violência era algo que se limitava ao lado de fora dos muros da escola, era mais comum nas ruas, porém, esse quadro mudou, além de adentrar às escolas, esse problema recebeu determinadas nomenclaturas. Agora, o docente faz menção ao bullying e à violência tanto verbal como física, destacando o fato de ainda existirem mais tipos de violências. Em sua fala faz menção também à violência urbana (como o faz o professor 2) e ainda exemplifica quais são esses tipos de violências mais graves praticados na escola.

O professor segue sua declaração relatando uma experiência vivida na unidade escolar. Trata-se de um assalto que o impressionou negativamente, pois, segundo ele, nunca imaginou viver esse tipo de experiência em um ambiente destinado ao ensino e à aprendizagem. Para ele, o ambiente que é voltado à educação não deve ser vulnerável a esse tipo de ato violento. Esse professor faz menção ao aluno que nessa passagem foi baleado, como relatou também o docente 2, caracterizando-se tal ocorrido como um fato marcante para a comunidade escolar. Por fim, conclui a sua fala apontando uma nova questão paralela à aprendizagem no que diz respeito à educação: A violência urbana nos

espaços escolares. Ele dá a entender que a escola não deve mais se preocupar apenas com os conteúdos obrigatórios, mas inclusive com essa problemática aqui abordada.

Partindo agora da segunda pergunta do questionário (Em sua opinião, de que forma esse problema influencia no processo de ensino e aprendizagem?). A fala desses docentes, como dissemos anteriormente, constitui um discurso sobre a violência escolar e nos ajudarão a compreender de que forma ela tem influenciado esse relevante processo. Vamos ao primeiro: “Todo problema traz influencia negativa, mas a violência, os transtornos são maiores porque muitas vezes envolve escola, família e as consequências são enormes entre os envolvidos” (PROFESSOR 1).

Esse docente, em sua fala esclarece que há muitos problemas na escola e todos têm influências no processo de ensino e aprendizagem. Porém, a violência tem um peso maior, pois, ela não envolve apenas o aluno e o professor, ela atinge também a escola como um todo, assim como a família dos envolvidos. O docente faz entender que em uma escola onde há índices altos de violência todos perdem. Se um professor sofre violências físicas ou simbólicas, até mesmo alunos que não praticam violência podem perder no que diz respeito à aprendizagem, pois o docente pode não conseguir cumprir com sucesso a sua função de promotor do ensino. Sobre as consequências dessa violência sobre o trabalho docente, vejamos a fala do segundo professor: “Não nos sentimos seguros para cobrar os resultados da aprendizagem pois não sabemos que reação isso pode desencadear isso faz com que a indisciplina aumente e prejudique o processo de ensino” (PROFESSOR 2).

Aqui há uma denúncia importantíssima da parte do segundo professor, ele se declara inseguro até mesmo para cobrar os seus alunos em relação a atividades e suas tarefas escolares temendo sua reação. Com esse temor, a consequência para o ensino é que o docente sente a sua autoridade em sala de aula abalada, gerando ainda mais indisciplina por parte dos alunos. Fatalmente, tal situação pode gerar ainda mais violência. Ao falar sobre o assunto, o terceiro docente vai além: “Influencia sim e muito, pois o processo de ensino aprendizagem influencia no conjunto de estimulações que alterem os padrões de comportamento do indivíduo” (PROFESSOR 3).

O terceiro professor, em seu discurso, declara que a violência influencia de forma relevante o processo de ensino e aprendizagem. E, inclusive, em sua opinião, ela pode gerar alterações no padrão de comportamento dos outros sujeitos. Por exemplo, um aluno que sofre violência na escola, ainda que não tenha um histórico de violência, pode ser influenciado pelos demais, até mesmo tentando encontrar uma forma de se defender e assim a violência vai sendo disseminada, multiplicando-se. Vejamos a fala do quarto professor a respeito dessa temática: “A nossa metodologia didática, habilidades e competência se desenvolvem melhor em ambientes saudáveis em que a liberdade de

expressão e locomoção participe na construção do saber. Ameaça é uma tortura física e psicológica” (PROFESSOR 4).

Há uma declaração importante na fala desse docente, ele faz menção da importância de o ambiente ser saudável para que o professor possa desenvolver sua metodologia didática e dessa forma as habilidades desejadas nos alunos. Fica claro na fala do professor que em um ambiente onde há atos violentos, sobretudo quando ocorrem com frequência, o docente fica incapaz de realizar o seu trabalho com excelência, pois, não há liberdade de expressão. Acreditamos que o professor, nessa situação, se sinta limitado a se expressar com os alunos por conta do temor, das ameaças e da reação dos discentes. Com o sentimento de limitação por parte do professor, o ensino e a aprendizagem também irão se tornar limitados, perdendo assim parte da sua qualidade. Consideramos que é importante que o docente se sinta à vontade no seu ambiente de trabalho para que possa desenvolver com êxito o seu papel de educador. A seguir apresentamos a declaração do quinto professor: “A violência na escola cria situações (ou revelam) de conflito e falta de harmonia entre aprendizes; se as situações de violência forem frequentes, o foco passa a ser a solução desse problema e conteúdos curriculares ficam para segundo plano” (PROFESSOR 5).

É interessante a forma como o docente se refere aos conflitos e desarmonias entre alunos. Em seu discurso há uma questão sobre a qual precisamos refletir: a violência cria esses conflitos ou apenas traz à tona um problema já existente? É nítida na fala do docente sua opinião sobre a necessária prioridade dos conteúdos curriculares para uma melhor qualidade de ensino. No entanto, esse problema gera, inclusive, um temor em deixar com que a preocupação em erradicar a violência tome ainda mais espaço da educação. Nesse caso, o ensino dos conteúdos acaba ficando em segundo plano. O professor nos faz compreender que a não priorização dos conteúdos pode influenciar negativamente no processo de ensino e aprendizagem. Ao invés de a escola ensinar os conteúdos curriculares aos alunos, ela precisa educá-los moralmente. O professor número 6 encerra as respostas à pergunta 2 de nosso questionário afirmando:

O medo de ser coagido é constante, o despreparo para enfrentar bandidos tendo diversos alunos, ou ser aluno e não ter informações de como proceder nesta situação certamente implica de forma direta na aprendizagem, quem já sofreu vive um trauma e quem não sofreu vive em pânico. Um assalto não tem hora definida para acontecer, assim o medo é instaurado e a falta de informação deixa todos aterrorizados (PROFESSOR 6).

O sexto docente é mais incisivo em suas declarações. Ele faz menção do medo (talvez por já ter sofrido um assalto na escola, como relatado anteriormente) de ter que

enfrentar bandidos. Graças a isso, sente-se em uma posição inferior e despreparado para enfrentar esse problema. Assim, o docente denuncia que os profissionais da educação não são preparados para esse tipo ação, não há uma capacitação que os instrua a como se portar diante desses atos de violência externa. Esse professor ainda destaca que o medo é constante, pois não podem saber quando irá acontecer de novo, já que na escola não há uma proteção própria. Esse problema, segundo ele, implica diretamente na aprendizagem, pois os profissionais do ensino acabam por ter que ministrar suas aulas sob o medo de que a violência os alcance. E, além disso, após terem sofrido com isso, ainda precisam lidar com o trauma que certamente também irá influenciar na qualidade do seu trabalho. Somando-se a isso, ele traz uma denuncia implícita, sua fala dá a entender que não há um trabalho por parte da escola para tratar emocionalmente os profissionais que sofreram essa experiência (violência), quando diz que “quem já sofreu vive um trauma”.

Na ultima pergunta (No ponto de vista do professor, que soluções são viáveis para essa problemática?). O professor 1 relatou que: “Melhorar em todos os sentidos o sistema educacional, pois a escola está passando por um momento muito difícil pois falta estrutura, e uma política voltada para a educação, eu acredito que a educação pode mudar o mundo” (PROFESSOR 1).

Para esse docente, é preciso que haja melhorias no sistema educacional como um todo, deve melhorar em todos os sentidos. Segundo ele, a educação vive um momento difícil, pois não há estrutura o suficiente para que esses problemas sejam resolvidos e, além disso, faltam políticas públicas voltadas para a educação. No entanto, o docente se declara esperançoso e diz que a educação pode mudar o mundo. O segundo professor afirma:

O governo deve olhar para a escola como um lugar da diversidade não apenas social, física ou cognitivamente, mas que há na escola pessoas capazes de praticar atos violentos e que não há quem coíba tais ações, além da fragilidade no que diz respeito aos assaltos, acredito que seria necessário uma patrulha escolar efetiva ou até mesmo um policial para reforçar a segurança (PROFESSOR 2).

Uma característica importante é destacada aqui pelo docente. Ele diz que a escola é um lugar de diversidades, ou seja, há estudantes de diferentes níveis sociais, história de vida, religião, cor e de comunidades diferentes. Torna-se, assim, uma necessidade que isso seja observado pelo governo ao elaborar as políticas voltadas para a educação. Por essa escola ser um lugar onde existe diversidade cultural, segundo o docente, entre tantos alunos, há aqueles que são capazes de praticar atos violentos. Porém, na instituição escolar, não há quem os coíba. Para esse profissional, a solução mais viável para inibir tais atos seria a presença de uma patrulha escolar ou até mesmo o policiamento dentro da escola. Com a presença da polícia, haveria mais receio por parte dos criminosos em invadir a

escola. A sugestão dada pelo professor requer atenção, considerando-se que, por um lado, a presença de um segurança dentro da escola pode inibir atos violentos e dar mais confiança tanto para professores como para alunos realizarem suas práticas. No entanto, por outro, se esse profissional não for alguém de confiança da comunidade escolar, ou seja, se a entrada de seguranças nas escolas públicas for indicada por governantes que desconhecem a realidade escolar, a presença desses profissionais no ambiente educacional pode gerar novos conflitos. A seguir, a fala do professor número 3 colabora para a reflexão aqui empreendida:

Investir na formação de professores. Na aproximação com a comunidade e na aprendizagem. Pois o caminho mais eficaz é a integração com a comunidade, que passa a respeitar o papel da escola (social e de ensino) e a reconhecer que aquele espaço é de todos. “De vítima, ela passa a ser parceira do bairro e das famílias”. Envolver os pais no acompanhamento da aprendizagem (PROFESSOR 3).

O terceiro docente traz uma sugestão diferente para a questão em debate. É importante, segundo sua colocação, investir na formação de professores. Ele faz entender em sua fala que não há preparo para os professores lidarem com situações violentas, por isso o apelo pela formação. Outra sugestão importante é a aproximação da escola com a comunidade (que de acordo com a declaração do segundo docente apresentada no capítulo 2, é uma clientela com histórico de violência e crimes, inclusive).

De acordo com ele, com essa aproximação e maior participação da comunitária no processo, a escola passará a ser mais respeitada pela comunidade, quem reconhecerá nela um espaço de todos, que precisa ser respeitado. Com essas ações, a escola contará com a parceria do bairro e das famílias, deixando de ser vítima de ações violentas conforme as relatadas por esses educadores. Por fim, ele reforça esse argumento fazendo menção à importância de envolver os pais no acompanhamento da aprendizagem. Seu discurso nos permite inferir que um dos motivos de haver problemas no ensino e na aprendizagem é a não participação dos pais nesse processo. Ainda focando as sugestões para as problemáticas tratadas, vamos à fala do quarto docente:

Participação da família no processo de ensino-aprendizagem, ter momentos lúdicos na escola, a formação religiosa contribui bastante, desde que não sejam só ouvintes, mas praticantes da palavra... e maturidade, no sentido de: ter respeito, vergonha na cara, não ser omissivo, objetivo na vida. O apoio nesse processo depende da gestão e também do poder judiciário (PROFESSOR 4).

Em seu discurso sobre a violência escolar, o quarto docente também destaca a importância da família no processo de ensino e de aprendizagem. Traz, além disso, novas

sugestões como a implantação de momentos lúdicos na escola, por exemplo. Continua seu discurso, afirmando que a formação religiosa do aluno pode ajudar a erradicar a violência, incentivando a valorização dessa formação trazida de casa. Ele pontua, porém, que não contribui para a melhoria desse processo o discente que tem uma formação religiosa, mas que não a coloca em prática na escola.

Além do conhecimento do aluno que podem contribuir para um ambiente mais saudável para o ensino e aprendizagem, como o religioso, o quarto docente faz menção a qualidades como o respeito e a maturidade, necessárias para que o aluno tenha objetivos na vida. Considerando, nesse sentido, que o estudante que possuem objetivos sabe o que está buscando na escola e estará mais bem preparado para atingir suas metas. Esse professor, diferente dos anteriores, que reiteraram a importância da associação entre escola, família e comunidade em geral para fazer frente ao problema aqui exposto, declara que para sua resolução é necessário o apoio da gestão, pode ser do governo ou da própria escola, assim como a participação do poder judiciário. Vejamos como se apresenta o discurso do quinto docente:

Algumas soluções podem ser: Desenvolver projetos interdisciplinares, ter na escola profissionais para atender e trabalhar os casos mais graves; seria ter disponível profissionais como psicopedagogos e também psicólogos. Observação: A maioria das escolas não têm disponível um psicopedagogo e o psicólogo (só) se restringe às diretorias regionais de ensino DRES¹ (PROFESSOR 5).

262

Surge aqui uma nova sugestão da parte desse docente. Ele afirma que desenvolver na escola projetos interdisciplinares pode ajudar a resolver essa problemática de violência. Ele sugere, também, que é necessário haver nesse ambiente profissionais que sejam capacitados para resolver essas questões. Nessa fala, o docente, assim como os demais, dá a entender que os professores não são capacitados para resolver conflitos de violência e, ao mesmo tempo, pontua a carência de psicólogos e psicopedagogos dentro dos limites da escola. Tratando da falta desses profissionais dentro das instituições de ensino, esse professor faz uma crítica à organização desse sistema, pois declara que só há profissionais como esses nas DRES e isso, como vimos, não atende à demanda escolar. Por fim, concluiremos a apresentação das respostas ao questionário com a fala do professor 6:

Como é uma prática inerente às possibilidades escolares é uma questão política. Acredito que as escolas devem se informar, esse talvez seja o ponto chave da questão. Saber como agir em situações como essas, instruir e conscientizar os alunos bem como a comunidade local a respeito de como se prevenir, identificar uma atitude suspeita, solicitar

¹ Diretorias Regionais de Ensino (DRES).

policciamento nas ruas nas áreas escolares nos períodos de aula. A escola e os alunos devem se sentir seguros para uma aprendizagem qualitativa. Evitar essas interferências fora do contexto escolar poderá contribuir com jovens e uma aprendizagem segura (PROFESSOR 6).

O sexto docente, em seu discurso, afirma que esse conflito de violência é uma questão política, que todos devem se informar a respeito do assunto e não agir com indiferença em relação a essa problemática. Ele sugere que deve haver uma conscientização na escola para que os alunos saibam como se portar diante de uma situação extrema. Nesse ponto, ele faz uma relação ao que respondeu na pergunta 1 quando falou a respeito de um assalto que ocorreu na escola e um discente foi baleado.

Consideramos que na fala desse professor há uma denúncia, mesmo que implícita. Ao sugerir que se deve solicitar o policiamento nas ruas e nas áreas escolares, ele nos faz entender que embora se trate de uma região periférica, onde há índices de violência elevados, não há policiamento no local. Possivelmente por essa razão não haja receio da parte dos criminosos em invadir a escola. É notável, no discurso desse professor, a sua insegurança em trabalhar em um ambiente que para ele é considerado violento. Questão essa, que, conforme vimos na sessão anterior, interfere negativamente no processo de ensino de aprendizagem. Podemos associar a isso sua afirmação de que, para que haja uma aprendizagem com qualidade, é preciso que todos os envolvidos se sintam seguros.

263

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta investigação, nos dedicamos a tratar de um assunto de relevante importância para a educação: “A violência na escola e sua influência no processo de ensino e aprendizagem na perspectiva do professor”. A pesquisa iniciou-se com a apresentação da problemática da violência. Vimos que ela, em outrora, se dava apenas pela indisciplina dos alunos, porém, nos últimos anos vem tomando proporções maiores. Hoje, o problema da violência está também ligado à criminalidade urbana que invade os limites escolares, deixando alunos e profissionais da educação em um estado grave de temor.

No decorrer do trabalho, percebemos que esse não é um problema contemporâneo, mas que se agrava muito na atualidade. É, também, um problema universal, mas que atinge inclusive o sistema escolar de Araguaína - TO. Conforme nossa pesquisa, a violência pode ser dividida em três categorias: aquela que cabe ao sistema judicial se preocupar, como é o caso da violência externa ou urbana que invade a escola; a transgressão, que deve ser tratada nos limites escolares e a incivilidade, que “depende fundamentalmente de um tratamento educativo” (CHARLOT, 2002, p. 430 *apud* PEÇANHA, 2013, p. 12).

O discurso dos professores consultados retrata a violência que tem atingido a escola nesses últimos anos, nos informando que não se trata apenas de violência simbólica, em

que as vítimas são atacadas verbalmente ou sofrem com a indisciplina. A isso se soma outro tipo de violência que tem preocupado bastante os profissionais da educação, a violência externa a essa instituição ou violência urbana, cada vez mais frequente em nossa sociedade. Nesse tipo de violência incluem-se os assaltos, roubos, uso de drogas, ameaças e agressões físicas.

É perceptível em seu discurso o medo por parte de alguns professores em trabalhar num ambiente onde não há proteção contra esse tipo de atos violentos. Enfim, verificamos através da fala desses professores que sim, a violência pode afetar o ensino e a aprendizagem, por isso, constitui um problema que precisa ser observado de perto pelo estado, pelos gestores, pelas diretorias de ensino, etc.

Além disso, a violência não se restringe à escola, todos os sujeitos envolvidos sofrem suas consequências, inclusive suas famílias. Desse modo, a comunidade em geral deve se preocupar e se envolver com a escola, que deve constituir-se em um ambiente saudável e pacífico para que o ensino e aprendizagem ocorram de forma satisfatória.

Em síntese, observamos nesses discursos que nossa pesquisa representou uma forma de esses docentes denunciarem aquilo que falta na educação. Consideramos que, com ela, integramos um debate que vem sendo realizado sobre a violência escolar. Com isso, desejamos contribuir para a reflexão sobre essa realidade que nos atinge, para que, a partir disso, se busque superar as dificuldades que prejudicam o ensino e a aprendizagem em nossas escolas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M., & AVANCINI, M. F. (2000). *A violência e a escola: O caso Brasil*. Disponível em: <

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.

GUIMARÃES, A. M. **Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola**. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 73-82.

MACHADO, Tania R. M. **A avaliação do docente em formação no curso de espanhol a distância da UFSC: uma análise crítica do gênero “atividade obrigatória em EaD**. Tese (doutorado) – Florianópolis: PPGL/UFSC, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167968>>. Acesso em 25 de novembro de 2016.

PEÇANHA, Ingrid Silva Barbosa. **Reflexões acerca da violência escolar**. Ciências Sociais – UFJF, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/graduacaocienciasocias/files/2010/11/REFLEX%C3%95ES-ACERCA-DA-VIOL%C3%8ANCIA-ESCOLAR-Ingrid-Silva-Barbosa-Pe%C3%A7anha.pdf>>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em psicologia**. vol.18 no.1: Ribeirão Preto, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100005>. Acesso em 15 de Agosto de 2020.